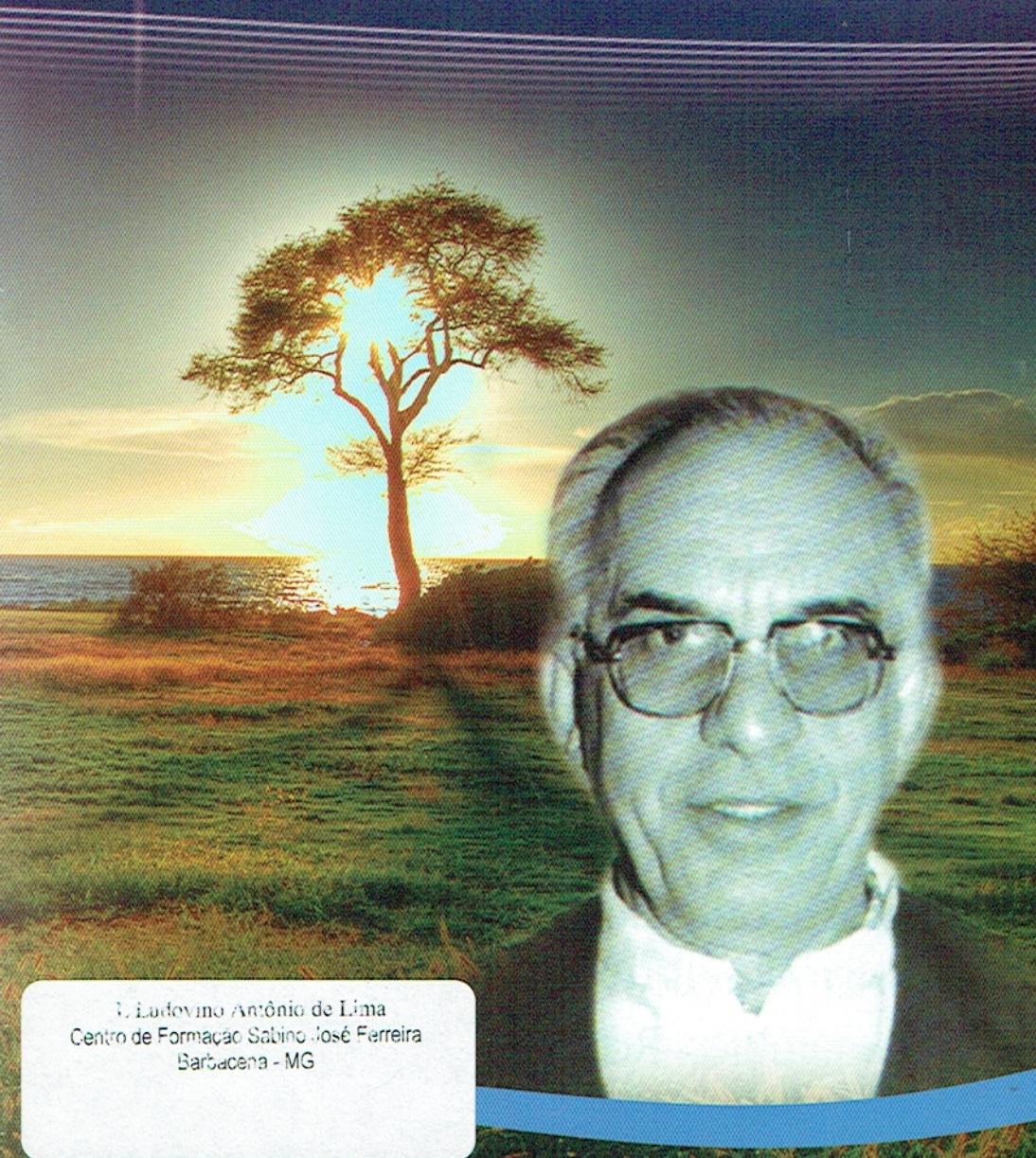


P Fernando Rodrigues



V. Lúdovino Antônio de Lima
Centro de Formação Sabino José Ferreira
Barbacena - MG

“Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus.”

Mt 5,12

P Fernando Rodrigues, sdb

'E quando acontece que um salesiano sucumbe trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória' (MB XVII, 273).

* 13 de novembro de 1933
+ 23 de agosto de 2013



No dia 23 de agosto, vitimado por um infarto fulminante, padre Fernando faleceu, às 8h30min da manhã, no Ateneu, em Goiânia-GO. O ACONTECE trouxe uma nota do padre inspetor sobre a *Via Crucis* e vitória do Pe. Fernando Rodrigues.

"Na manhã do dia 23 deste mês, depois de dois anos lutando, com bravura, contra cruel doença, parte o Pe. Fernando Rodrigues para receber a coroa dos vencedores.

O Pe. Fernando jamais se entregou, mesmo diante das mais desalentadoras notícias sobre o seu verdadeiro estado de saúde. Ainda que baqueado, diante da fragilidade de sua saúde, continuava o mesmo Pe. Fernando: trabalhador incansável, falava o que pensava a quem quer que fosse, sem meias palavras. Esse era o Pe. Fernando. Aparentemente rude, sobretudo por causa de sua franqueza, era um contemplativo dos mistérios divinos concedidos à nossa humanidade. Foi um vencedor até o derradeiro momento de sua partida para o definitivo encontro com o Criador. Por isso, a ele se aplicam as palavras do nosso pai e mestre, São João Bosco: *'E quando acontece que um salesiano sucumbe trabalhando pelas almas, a Congregação alcançou uma grande vitória'* (MB XVII, 273)."

Da Secretaria Inspetorial, Pe. Francisco emitiu a seguinte nota: "Pe. Fernando trabalhou em muitas obras da Inspetoria. Inicialmente, dedicou-se às escolas e, mais recentemente, estava vinculado ao trabalho paroquial. Homem trabalhador, de espírito vivo e operante, conhecido por sua franqueza e realismo, comunicativo, nutria um especial carinho pela cidade e pelo povo de Goiânia, onde acabou falecendo. Naturalmente, a Inspetoria agradece à comunidade salesiana e a todos da presença de Goiânia que cuidaram dele durante este tempo de sua doença".

SEU CURRÍCULO ESCOLAR E DE FORMAÇÃO SALESIANA

- 1941-1942: Grupo Escolar Afonso Pena, em Varginha.
- 1942-1943: Escola pública, em Petrópolis.
- 1943-1944: Grupo escolar Dr. Zacarias, em Dores do Indaiá.
- 1945-1946: Ginásio Pio X, em Dores do Indaiá
(admissão e primeiro ano ginásial).
- 1947-1949: Colégio São João, em São João del-Rei.
- 1950: Noviciado, em Pindamonhangaba.
- 1951-1953: Filosofia, em São João del-Rei.
- 1954-1955: Assistente e professor, em Jaciguá.
- 1956: Assistente e professor, em Niterói.
- 1957-1960: Teologia, em São Paulo.

É formado em Filosofia plena, em Orientação, Administração Escolar, Supervisão, Inspeção pela Faculdade Dom Bosco, de São João del-Rei. É formado em Letras, Português e Inglês, pela Faculdade Bernardo Sayão, de Anápolis. É formado em comunicação pelo Sepac, em São Paulo, e também em Marketing pelo Instituto Brasileiro de Marketing Católico, São Paulo.

SUA FAMÍLIA, SUA INFÂNCIA

Em 13 de novembro de 1933, Pe. Fernando nasceu na cidade de Varginha, a "Princesa do Sul"; assim ele gostava de chamar sua cidade natal, que foi testemunha dos dias felizes de sua infância.

Seus pais foram Raimundo Rodrigues de Andrade e Deusolina Lello de Andrade. Era uma família de oito filhos. Sua mãe era filha de italianos; seu pai era agricultor; dele herdara princípios religiosos sadios e severos, e os transmitiu aos filhos. Seu avô materno, dizia Pe. Fernando, era uma pessoa rigorosa e bastante religiosa. Morava na roça, tinha uma fazenda à margem do Rio Verde. Todos os domingos, ia à cidade para visitar os netos.

Sua família tinha uma vivência religiosa muito profunda. Logo ele se sentiu profundamente marcado pela luz da fé, que sua família lhe transmitiu.

Seu pai, ele o pinta como pessoa calma e otimista, de paciência sem limites e muito amoroso, exemplo de virtude. Afirma que, em sua pessoa, sempre dividiu a figura do Pai Celeste, que nos cria, nos conserva e nos move em toda boa ação. Tinha muito cuidado com os pobres, visitava a Vila Vicentina; era

uma visita costumeira. Rezava o terço e frequentava as missas dominicais.

Deste chão de Deus - **Deusolina** se chamava sua mãe - , nasceu a bela vocação do menino Fernando que, logo, sem reticências, deixou-se guiar pela luz da fé que vinha de sua família, especialmente de sua mãe, **Deusolina**, outra Sara que, pela fé, tornara-se mãe, apoiando-se na fidelidade de Deus (Hb 11,11).

O Papa Francisco, em sua primeira encíclica, **Lumen Fidei**, destaca a importância da família para a transmissão da fé. *"Como sucede em cada família, a Igreja transmite aos seus filhos o conteúdo da sua memória. [...] O primeiro âmbito da cidade dos homens iluminado pela fé é a família. [...] Em família, a fé acompanha todas as idades da vida, a começar pela infância: as crianças aprendem a confiar no amor de seus pais. Por isso, é importante que os pais cultivem práticas de fé comuns na família, que acompanhem o amadurecimento da fé dos filhos".*

A família de Pe. Fernando corresponde plenamente ao modelo proposto pelo Papa, na encíclica. Padre Fernando fala, com orgulho, de sua mãe, mártir de uma doença que a acompanhou por mais de 49 anos, prendendo-a ora à cadeira, ora ao leito. Uma senhora digna de admiração, bem retratada no livro da Sabedoria; sempre ocupada com as coisas da família e com as coisas de Deus. Ainda muito criança, ele a acompanhava todos os dias para a missa ou para a reza noturna. O sacerdócio, para ela, era motivo de admiração, embora lhe parecesse uma missão cheia de espinhos e renúncias. Graças a ela, o pequeno Fernando aprendeu o valor da oração, conheceu o caminho da Igreja e os valores dignos de luta e de conquista.

UM EPISÓDIO CURIOSO

O fato aconteceu aos 5 anos de idade. Ele vê, no episódio, um carinho especial da Mãe de Deus, que ele invocava com o título de N. Sr.^a Aparecida. Queria brincar num monte de areia, próximo à sua casa. Eram mais ou menos 17 horas. Sua mãe já o havia chamado para tomar banho. Ele se divertia, tentando fazer túneis na areia, seguindo os caprichos de sua fantasia. Havia porém um cachorro ali, um cão preto, policial. Enxotou o cão para se ver livre no seu brinquedo, mas o cão o atacou, o derrubou e mordeu furiosamente sua testa e sua cabeça. Debatendo-se em prantos e aos gritos, sua mãe veio em seu socorro. Encontrou-o sangrando, num triste estado. O cão estava zangado. Seu pai o levou ao médico, rapidamente, tomou a injeção contra a raiva e não houve consequências. Sua mãe recorreu a N. Sr.^a Aparecida, pedindo que nada acontecesse ao filho e foi atendida. Em reconhecimento, um dia, foram a Aparecida para agradecer a graça.

A VIVÊNCIA DA FÉ

Sua vida foi marcada, segundo ele, pelos encontros de catequese, pelo Credo cantado pelas crianças, pelas perguntas e respostas decoradas do catecismo, em meio ao burburinho das inúmeras crianças, na igreja. Marcaram-lhe a vida a missa em latim, os cânticos tradicionais. Ele cita "O meu coração é só de Jesus". Destaca as devotas procissões, a Sexta-feira Santa, o Sábado Santo, a queima do judas. Destaca as funções sagradas que muito o tocaram. Ele dá também um destaque especial às professoras que se preocupavam com a formação religiosa, especialmente rezando e ensinando. Ele escreveu: "Desde pequenino, eu e minhas irmãs tínhamos o costume de esperar os padres passarem à tarde pela Avenida Rio Branco, para pedir-lhes a bênção e também um santinho. Sempre ganhávamos os santinhos e gostávamos de fazer deles coleção".

Seu pai era bancário. Em 1942, foi transferido para Petrópolis. A mudança foi causa de sofrimento para a família. Houve uma adaptação lenta e incompleta. Aí a prática religiosa ficou em casa, com as orações do bom cristão e numa escola pública, onde os alunos das várias séries se concentravam numa única sala. Foi então que ele e suas duas irmãs mais velhas se prepararam para a primeira Eucaristia. Houve uma preparação próxima de três dias, num salão da catedral. Sua mãe lhes levava o almoço e lanche, e os buscava somente à noite. Sua primeira Eucaristia foi no dia 29 de novembro de 1942. Foi um dia bastante marcado para ele. Ele se lembra da passeata por ocasião do Congresso Eucarístico: tênis branco, roupa branca, bandeiras, hinos, o Santíssimo... "Aprendi também, com minha professora, Maria Julieta Silva Guimarães, a rezar as três ave-marias, ajoelhado ao pé da cama, antes de adormecer. Aquele história do jovem que rezou estas três ave-marias e se livrou das chamas do inferno, contada pela professora, impressionou-me bastante".

Em 1943, foram transferidos para Dores do Indaiá. Depois de alguma tempo, estabeleceram-se perto da igreja e do seminário dos padres sacramentinos, do Pe. Júlio Maria. Por esse tempo, começou a surgir, mais profundamente, na vida do menino, um grande desejo de participar nas práticas da Igreja: ser coroinha; ser da Cruzada Eucarística; naquele tempo, não havia coroinha negro; ele chamou dois colegas negros para serem coroinhas e deu muito certo. Foi na paróquia de N. Sr.^a das Dores. Aos 11 anos, ele foi catequista, disse, porém sem muito êxito.

"Eu gostava de participar das missas solenes cantadas. Ajudava de turiferário. Parecia minha especialidade da missa das dez horas. Ajudava revestido de batina, era uniforme de gala... A missa era em latim e não levei muito tempo para aprender o Latinorum com frei Paulo, que foi meu professor de português no primeiro ano ginásial."

SUA VOCAÇÃO

"Posso afirmar que, um dia, Deus me chamou e silenciosamente fui seguindo suas inspirações. Costumo dizer a quem me pergunta, que já nasci com vontade de ser padre. Depois de Deus, alguns lugares e pessoas marcaram minha vida e me dispuseram a seguir o caminho com 'C' maiúsculo", afirmou ele no dia em que comemorava seus 25 anos de sacerdócio, em 1985.

Quando mudaram para Dores do Indaiá, sua vocação começou a amadurecer. Começou a prestar serviços na igreja, como coroinha. Entrou em contato com os padres sacramentinos. Participava da vida deles, pelo fato de ser coroinha muito assíduo e frequentador da casa deles, de suas conversas. Passava o dia todo no Seminário, o qual se tornou, depois, o Ginásio Pio X, onde fez o curso de admissão e o 1º ano ginásial. Ele destaca as zelosas catequistas Gilza e Geiza de Oliveira, Auxiliadora Costa e Carminha Fiuza. Graças a elas, afirma, sua fé principalmente e seu ardor apostólico cresceram e se firmaram.

Participando, assim, desse ambiente tão sadio e fervoroso, era muito natural que lhe surgisse a vocação sacerdotal. Decidiu ser padre sacramentino.

No Ginásio Pio X, seu professor de francês era o frei Gabriel Rezende, seu conterrâneo de Varginha. Ele o acompanhou com muito carinho e dedicação, em todos os seus passos. Conversou muito com seus pais, deu assistência, conselhos. Frei Gabriel conhecia os salesianos de São João del-Rei, era amicíssimo do Pe. Francisco Gonçalves; admirava o sistema de educação dos salesianos. Padre Francisco era o diretor do Colégio São João. Frei Gabriel aconselhou Fernando a entrar para os salesianos. Assim, em primeiro de março de 1947, ele chegou à casa salesiana.

Afirma o Pe. Fernando, lembrando-se deste dia: *"Pude, então, dizer: Aqui estou, Senhor, para fazer a tua vontade".*

SUA CAMINHADA SALESIANA

Foi construindo, pouco a pouco, o misterioso mosaico da sua vocação. Ficou sabendo que, segundo Dom Bosco, todo jovem que se dirige a uma casa salesiana é enviado pela Virgem Auxiliadora. Só então, percebeu ele, e afirmou com convicção, que pôde compreender melhor a maravilhosa proteção da Virgem Maria, no episódio dos 5 anos, quando correu o grande risco ao ser atacado pelo cão zangado; sob os efeitos danosos e fatais das mordidas do cão, se não fosse a intervenção materna da Virgem Auxiliadora, ele, com certeza, não teria entrado numa casa salesiana. *"Em resumo, posso dizer que, em minha vida, sempre percebi esta presença carinhosa, meiga e salutar. Em minha juventude, principalmente, estava eu a seus pés, implorando seu valioso auxílio diante das dificuldades e desânimos..."*

DIFICULDADES

Não foi um caminhar sobre rosas a sua experiência inicial no aspirantado, tempo de formação inicial. Ele aponta algumas dificuldades que o fizeram sofrer: a saudade de casa; as limitações da vida do aspirantado, num ambiente de muita pobreza; para ele, que deixara um padrão de vida confortável, com certeza terá sido uma etapa muito sofrida. Enumera ainda: os altos e baixos da vida escolar; certa educação monástica e ascética; a reclusão do seminário; o afastamento da família, dos parentes, das diversões; a incompreensão das pessoas. Em suma, havia mil motivos que o desanimavam de prosseguir nos primeiros anos do aspirantado. As adaptações foram penosas e demoradas. O regime era muito severo. Havia coisas boas também. Havia corais, teatros, pequeno clero, banda de música, aprendia-se a tocar piano e harmônio, a bater máquina.

Ele soube vencer todas as dificuldades, tendo em vista o seu ideal de, um dia, poder ser padre salesiano.

"O tempo de formação foi um tempo de sacrifício, de bastante provação, incompreensões, lutas, angústias, dúvidas, fraquezas, desânimos..."

"Mas, o mais surpreendente em tudo isso era que, mesmo com o coração sangrando ou ferido, eu ia progredindo, e um valor maior se elevava e me prendia: era o ideal de, um dia, poder ser padre salesiano. As cadeias que me prendiam tornavam-se queridas e até desejadas e, por isso mesmo, amadas.

Enquanto isso, ia tecendo meus castelos no ar, todas as noites, no dormitório comum, depois de a luz apagar. Com os pensamentos voltados para o futuro fortemente desejado, eu me embalava com minhas quimeras, num sono feliz e aconchegante. [...] A vitória foi de quem acreditou."

Ele, de fato, acreditou em Deus que o chamou. Acreditou que poderia ser instrumento humilde de Deus entre os homens. Acreditou que, com a ajuda divina, poderia superar suas limitações e mostrar aos homens uma parcela de sua bondade e misericórdia.

SUA FRANQUEZA

"Falava o que pensava a quem quer que fosse, sem meias palavras... Aparentemente rude, sobretudo por causa de sua franqueza, era um contemplativo dos mistérios divinos..."

Assim o Pe. Fernando descreve um aspecto do seu tempo de formação: *"Estávamos fora do mundo. Ignorávamos o que se passava."*

Com a palavra ainda a sua franqueza loquaz, atilada e verdadeira: *"Havia o chamado culto dos superiores. Pareciam 'semideuses' no meio de nós. Res-*

peito, obediência, cortesia, deferência, acolhimento para com eles. Humildade, submissão, admiração no trato. Nada de amizades particulares com os colegas, embora se vissem, algumas vezes, preferências de certos padres para com alguns seminaristas [...].

[...] O tempo de formação foi um tempo de sacrifício, de bastante provação, incompreensões, lutas, angústias, dúvidas, fraquezas, desânimos; diante do que acontecia, ora no que nos era proposto ou obrigado. Às vezes nos perguntávamos como era possível estar acontecendo daquela maneira, será que só os superiores estavam com a razão, que eram infalíveis? Era feliz todo aquele que, apenas formado, se tornava 'superior', cortava as amarras e podia voar livre e comandar".

Apesar do sacrifício, das provações, de tudo aquilo que lhe embargava, aparentemente, o passo na sua caminhada vocacional, constituindo-se em penumbra, Pe. Fernando reconhece o lado luminoso. Disse ele que, no tempo de sua formação, recebeu fortes influências benéficas, principalmente dos seus pais, professores, assistentes, superiores e dos modelos de santidade que foram apresentados aos formandos. "As cadeias que me prendiam tornavam-se queridas e até desejadas e, por isso mesmo, amadas".

Termina o seu primeiro pedido de admissão às ordens, por ocasião da tonsura, reconhecendo-se fraco e vacilante, porém confiante no auxílio divino, e no de Maria Santíssima: "Olhando para mim mesmo, sei que sou fraco e vacilante. Confio, porém, naquela que nunca desamparou os seus devotos: Maria Santíssima".

Comemorando seus 25 anos de sacerdócio, Pe. Fernando disse: "Sem nenhum merecimento de minha parte, consegui chegar aos meus 25 anos de sacerdócio. Ao longo de minha vida religiosa, venho sendo testemunha de tantos colegas melhores e mais eficientes do que eu, melhores em virtude e santidade, excelentes em inteligência e comunicação e que, infelizmente, caíram ou à minha direita ou à minha esquerda. Hoje, quem sabe, poderia ser também um deles. Deus, porém, não levando em conta minhas infidelidades, fracassos e omissões, conserva-me em seu amor, para ser o 'dispensador de seus mistérios', o sinal encarnado de sua presença no mundo, do seu amor, do seu perdão".

Padre Fernando fez uma lista de textos bíblicos mais importantes para ele. Um deles é o texto das bem-aventuranças. Com certeza terá rezado com a vida as bem-aventuranças. Com certeza, as terá vivido em plenitude, na grande seara da obra salesiana; no seu sacerdócio, sua grande meta, à qual aspirou com entusiasmo cada vez mais crescente, em especial quando chegava aos tempos finais de sua formação. "O sacerdócio era minha meta e o entusiasmo era muito, já pensando no futuro próximo apontado que ia exercer nas casas

salesianas". Vivendo as bem-aventuranças, ele agradeceu a Deus, que faz surgir das pedras outros filhos de Abraão, o sustento de sua vocação, seu grande ideal, a chama viva e inebriante de sua fé, de sua esperança e de sua caridade. Agora, ele se alegra e exulta diante de Deus que lhe fez a proposta à qual ele respondeu com fidelidade; é grande a sua recompensa nos céus. Mt 5,12: *Alegrai-vos e exultai, porque será grande a vossa recompensa nos céus.*

Pe. Lisboa

DEPOIMENTO

Célia Jacarandá, em O POPULAR de Goiânia, 30 de agosto de 2013:

Morreu, na sexta-feira, 23, o padre Fernando Rodrigues, ex-pároco da Paróquia São João Bosco, no Setor Oeste, de um enfarte fulminante. [...] O padre acreditava em Deus e, por isso, dedicou sua vida ao sacerdócio. E, tenho certeza que morreu com a graça de Deus.

Quem era ele? Um grande sacerdote que por duas gestões foi pároco. Eu convivi com muito entrosamento ao seu lado, porque nossa afinidade era um tanto literária. Ele era o editor e o coordenador do jornalzinho da paróquia, chamado *Folha de Dom Bosco*. Eu, entretanto, escrevi em todos os exemplares artigos de cunho social e religioso. Ele, amante da literatura, também escrevia, e levou adiante as edições com amor e dedicação. Hoje o jornalzinho foi extinto por razões financeiras.

Além de editor do jornal, o padre Fernando gostava de destacar, em suas homilias, passagens, frases de escritores, de filósofos, com interferências bíblicas. Isto ele fazia com muita precisão. Para mim, eram homilias profundas e inteligentes. Fica a saudade, de minha parte, da convivência de nós dois. Como também, tenho certeza, essa mesma saudade se espalhará no coração dos paroquianos que o conhecem.

DADOS PARA O NECROLÓGIO

P RODRIGUES, Fernando

* 13 de novembro de 1933 – Varginha, MG

+ 23 de agosto de 2013 – Goiânia/GO